

MAIS ALÉM DA NOBREZA HUMANA

Cláudia Antonelli, Brasil

Estávamos em meio ao inverno brasileiro. Ou seja, 25°C, não menos do que isso.

Alguns dias antes eu havia estado em um simpósio em São Paulo que se vertia sobre literatura e psicanálise. Ao final deste encontro muito interessante, um colega - cuja identificação não nos importa -, espontaneamente e dentro de certo contexto, pronunciou algumas palavras que aludiram a um trecho de Anna Freud, a respeito da formação psicanalítica. Um jovem teria escrito à Srta. Freud, perguntando-lhe o que deveria fazer, para se tornar um psicanalista. E Anna teria respondido: "*Leia livros, os grandes autores, vá a exposições de Arte...*".

O colega em questão mencionou estas duas ou três coisas que eram a sua memória do que havia sido originalmente uma afirmação mais longa. (O trecho completo de Anna Freud se encontra ao final deste texto).

De fato, eu como muitos de nós analistas, imagino, já tinha escutado essa "ideia" algumas vezes: a de cultivarmos nossa alma com arte, música, grandes autores, peças de teatro, óperas e assim por diante - embora ligeiramente diferente a cada vez, mas sempre com o mesmo conceito embutido. Mais importante ainda, parecia ser sempre uma ideia consensual - com a qual eu também sempre concordei.

No entanto, de alguma forma desta vez, foi diferente - não as palavras, mas o que elas me fizeram sentir. Como disse, sempre me tinha identificado e apreciado este pensamento. Desta vez, atingiu-me de uma forma diferente. Não sabia bem por quê - exceto por uma sensação que tive imediatamente após escutá-las: estas palavras, eu sentia, eram algo elitistas.

Estas palavras, pela primeira vez, me inquietaram. O primeiro que me ocorreu foi que este conceito de "como tornar-se um bom psicanalista" era, sem dúvida, parcial. Sabemos disso, claro. Sabemos sobre a formação - a análise pessoal, a supervisão, os estudos constantes e a manutenção de nosso trabalho clínico. A parcialidade a que me refiro, suponho, vai além.

Como presumo e talvez também vocês, a Srta. Freud abordava, com suas palavras, o importante compromisso que assumimos quando decidimos tornar-nos um psicanalista: o de cada vez mais e na medida do possível, aguçarmos nosso 'instrumento' - a nossa mente. Conseqüentemente, a necessária expansão de nossa sensibilidade, de nossa cultura pessoal e de nossas referências culturais.

Contudo, o que me inquietou desta vez ao ouvi-lo novamente, não foi, inferi, o conceito em si, mas o fato de que parecia estar sempre de acordo com sussurros de sim, a cada vez. Uma espécie de concordância fácil, acomodada - em nós mesmos. No entanto, continuei a prestar atenção ao frutífero simpósio e voltei a resgatar estes pensamentos ao partir do encontro, algumas horas depois.

A vegetação geralmente exuberante e densamente verde-escura ao longo das estradas era menos verde desta vez, mais pálida, devido ao calor geral que nos assolava a todos, em todo o mundo. O Brasil não foi poupado.

Pensei: é bastante fácil gostar desta '*sugestão*' do que fazer para nos tornarmos um bom psicanalista. A de nos expormos às mais elevadas e nobres construções da espécie humana: artes, pinturas, óperas. Sempre que a ouvia, costumava lembrar-me dos últimos eventos artísticos em que tinha estado, e nos outros disponíveis na cidade. A sensação era boa.

O pensamento se aprofunda, para trás no tempo - em meu tempo pessoal. Sem ainda saber que um dia desejaria tornar-me psicanalista, creio que havia estado a esculpir o meu caminho para

isto. Filha de uma mãe artista, havia tido o privilégio de testemunhar de perto alguns de seus processos criativos: seus livros repletos de imagens de quadros, à volta de seu atelier, enquanto eu crescia. Posteriormente, como muitos de nós, tive também a oportunidade de visitar galerias de arte das mais belas que temos hoje em nosso mundo: na Itália, na França, Inglaterra, Espanha; também na China, e na América Latina.

Pude aprender música - clássica e piano - desde criança; e a oportunidade de aprender línguas e culturas estrangeiras. Com isto, pude ler Victor Hugo em francês, Shakespeare em inglês, Jorge Luís Borges em espanhol e Jorge Amado em seu português brasileiro.

O pensamento divagava e eu me lembrava mais, das experiências estéticas e agora sensoriais, que a vida proporciona. Um dia, caminhei com pés descalços sobre a Grande Muralha da China, em uma manhã de brisa fresca, para sentir o tato de sua rocha milenar, fresca e forte; e ainda também de pés nus caminhei pelas areias mornas de Copacabana, escutando o chiado intenso de suas ondas potentes e incansáveis. Em barco deslizei apaixonada pelas encantadoras águas de Veneza ao entardecer; pelas do rio Sena de Paris e do rio Tâmisa. Vi o sol pôr-se sobre o sempre turquês Mar Mediterrâneo, bem como sobre o belo Oceano Pacífico californiano, numa tarde granada inconfundível. Percorri o céu da Mongólia, o mais estrelado que meus olhos já alcançara.

Como vocês, tive também a oportunidade de provar sabores muito agradáveis que o mundo oferece: a pescada negra argentina e sua mais tenra carne branca do mar platino; o pato assado selado ao mel de Pequim; o camarão norueguense banhado em champanhe. E os vinhos do mundo.

Quanta indulgência! Fui exposta - e expus-me - às coisas sublimes, agradáveis, artísticas, simbólicas e belas da Vida. Sim, estas vivências despertam e aguçam nossa sensibilidade, da forma talvez mais prazerosa possível - entre outras funções que podem ter em nossos processos internos.

No entanto, naquele dia em São Paulo, enquanto me afastava de carro pela estrada, pensei: como fazer estas coisas, que me fizeram quem sou desdobrando diante de mim as melhores facetas e feitos da espécie humana, ajudar-me a ver o lado escuro da lua ou, melhor dizendo, de nosso próprio mundo: o feio, o pobre, o rosto humano mundano? Pois não estou certa de que o façam.

A estética sublimada é fácil de ser admirada, vivida e assimilada. "Um analista deve estar em contato com o mundo sublime do humano". Talvez um analista deva, ele próprio e de preferência, "ser sublime". Naturalmente, isto é uma provocação de minha parte - antes de mais nada, a mim mesma.

Penso agora nos pacientes de suposta 'pouca cultura', e que não dispõem muito das capacidades de representação e simbolização. Eles podem não ser pobres, necessariamente. Podem ser apenas pessoas de hoje: também nossos pacientes; ou as pessoas que buscam hoje nossa associação internacional, a IPA, em seus projetos de extensão.

Diremos, talvez, que nossa mente deve ajudá-los a fazer isso - a construir com eles possíveis funções simbolizantes. Como uma função alfa que transforme elementos beta; ou que represente estados brutos, não representados. Mas - podemos realmente empatizar com a *não-cultura*? Falarmos sua língua empobrecida, e mergulharmos em seu mundo pobremente simbolizado; feio, e bruto?

Pessoalmente, creio que sim. Porém, o quanto de fato e em que profundidade empatizamos com estes outros mundos, tenho dúvidas.

Uma lembrança me vem à mente. Quando no último ano da graduação em Psicologia, em um estágio em Psicanálise hospitalar, não consegui olhar para o rosto de um paciente sentado em seu

leito de hospital. Ele foi-me atribuído e essa foi a primeira vez que o vi, após sua cirurgia oncológica facial.

Ao adentrar seu quarto, tive um breve vislumbre de seu rosto, ao passar por ele. Não me detive, prossegui em direção à janela. Apanhada de surpresa pelo que vi, tudo o que pude fazer foi fingir que ia ver algo lá fora, pela janela. Ao vê-lo de soslaio, seu rosto permaneceu impresso em minha mente: estava deformado, não consegui claramente identificar seus olhos, sua boca, seu nariz. Uma parte estava inchada, talvez outra, desaparecida. Eu não conseguia pensar.

Todas as pinturas e livros, óperas, esculturas e poemas que eu havia visto em minha vida até então, não me ajudaram, naquele momento, a olhar para ele. Detida pela imagem, nem à sua mente, tive acesso.

Muitas vezes lidamos com aspectos emocionais “feios”, isso é verdade – em nós e em nossos pacientes: inveja, ódio, mesquinhez. Brutalidade emocional. Mas para essa *estética*, não havia sido preparada. E talvez, nunca estejamos preparados. Como nos prepararmos? Podemos preparar nosso instrumento de pensamento, para a tentativa de processarmos estes conteúdos dificilmente palatáveis física/psiquicamente. Aquele rosto, aquele momento, aquela visão complexa, revelavam o feio, o bruto, o inominável da dor e do desamparo.

Para o trabalho mental que se me impôs, dias depois, encontrei no bem conhecido *Das Unheimlich* de Freud (1919), as seguintes palavras:

Não encontramos absolutamente nada sobre este assunto nos extensos ensaios estéticos, que em geral preferem preocupar-se com o que é belo, atraente e sublime - ou seja, com sentimentos de natureza positiva - e com as circunstâncias e os objetos que trazem, em vez de sentimentos opostos, de repulsa e angústia. (p. 276).

De alguma forma nós, um pouco mais de um século à frente, em boa medida creio, ainda fazemos o mesmo.

Sabemos que a estética não significa apenas beleza. Contudo, temos de concordar: a poesia e as pinturas das quais falamos frequentemente ou sempre, são as belas. As especiais. Raramente falamos de feiura; de preferência, não o fazemos. E isto é apenas natural - mas tem de ser, creio, reconhecido e pensado. Falamos de uma estética parcial. De um real, parcial.

A minha hipótese é a de que vemos as belezas da vida, não somente porque elas enriquecem nossas mentes e almas - o que é verdade -, mas também porque isso é a coisa mais fácil de se fazer. Sobretudo com a sensibilidade especial que temos, como psicanalistas; com o desejo especial que temos pelas formas emblemáticas e complexas da arte e da mente humanas.

Também é verdade que precisamos nos expandir e nos fazermos de alguma forma servir de andaimes para nossos pacientes, no processo. Porém, como poderemos servir de andaime total, se a estrutura que arriscamos construir com toda nossa erudição, pode também nos afastar demasiado deles? Não riscamos perdê-los de vista – e de nós próprios talvez -, desta *outra* realidade, abominável, sob a fina camada que construímos?

Uma grande parte de nosso mundo é feia. Uma grande parte, infelizmente, é a fome, a miséria, o sofrimento e a tristeza. Este é o outro lado da face humana. Os radicalismos religiosos, disputas por poder, ganâncias, matanças, destruições e morte.

Creio que hoje, se eu citasse a mesma citação que ouvi naquele dia de Anna Freud, diria:

Sim, leia bons livros, leia os grandes autores, vá a exposições de pintura, sem dúvida – o quanto mais conseguir! Contudo, acrescentaria: e tente olhar a vida, em sua face completa. Enxergue o mundo, tal qual ele é.

Creio que este é o desafio que temos, para nossas mentes pensantes e refinadas, para nossa sensibilidade, para nossos fazeres, sempre, em alguma medida, na linha do fogo.

Concluo agora, com o trecho original da Srta. Freud que, além do acesso ao conhecimento cultural mais amplo, inclui de fato o amor pela verdade, inteira.

"Caro John,

Perguntaste-me o que eu considero qualidades pessoais essenciais num futuro psicanalista. A resposta é comparativamente simples. Se queres ser um verdadeiro psicanalista, tens de ter um grande amor pela verdade, verdade científica bem como verdade pessoal, e tens de colocar esta apreciação da verdade acima de qualquer desconforto no encontro de fatos desagradáveis, quer pertençam ao mundo exterior ou à tua própria pessoa interior.

Além disso, penso que um psicanalista deve ter (...) interesses, para além dos limites do campo médico... em fatos que pertencem à sociologia, à religião, à literatura, à história... [caso contrário] a sua visão sobre... o seu paciente permanecerá demasiado estreita. Este ponto contém os preparativos necessários para além das exigências feitas aos candidatos à psicanálise nos institutos.

Deverá ser um grande leitor e familiarizar-se com a literatura de muitos países e culturas. Nas grandes figuras literárias encontrará pessoas que conhecem pelo menos tanto da natureza humana como os psiquiatras e psicólogos tentam fazer.

Será que isso responde à sua pergunta?"

Anna Freud

FREUD, A., Psychoanalytic Training - *The Search for the Self*, p. 474. De uma carta escrita por Anna Freud. *The International Journal of Psycho-Analysis And Bulletin of the International Psycho-Analytical Association*, Volume 49, 1968, artigo de [Heinz Kohut](#): "[Heinz Kohut: The evaluation of applicants for psychoanalytic training](#), Pp. 548-554 (P. S. 552,553)

FREUD, S., *O Estranho* [The uncanny], Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVII, Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1919/1976.

